

10
-

Homenagens



sem título

Ti-Mi
2011

Homenagens

Este espaço é dedicado a homenagear autoras e autores em suas presenças, tradições e legados. Preservar memórias e mantê-las vivas é uma forma de assegurar um campo de comunicabilidade ativa entre tempos e sujeitos, mantendo visibilidade perene para autorias e obras que marcaram a produção literária: rememora-se para resistir ao apagamento sistêmico que atravessa nossa sociedade e para agradecer os ensinamentos partilhados.

No primeiro número, a Revista Firminas homenageia:

- Ruth Guimarães, presente!
- Toni Morrison, presente!
- Elis Regina Feitosa do Vale, presente!
- Nascimento Morais Filho, presente!
- Tula Pilar, presente!

Tula Pilar Ferreira

Quem conheceu Tula Pilar (1970 – 2019), conheceu primeiro o sorriso. Vivo e amplo. A poeta e multiartista partiu da nossa transitoriedade compartilhada (a vida) em abril de 2019, para se tornar presença naquilo que o tempo acolhe e oferta (a História). Nascida em Leopoldina, Minas Gerais, viveu em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, enraizando-se na capital paulista, não só porque nessa cidade ela se estabeleceu e construiu sua família, mas porque a cidade passou a ter nela uma grande referência nos domínios da cultura periférica e da sociabilidade negra. Publicou, além de textos em diversas coletâneas, o *Palavras inacadêmicas* (2004) e *Sensualidade de fino trato* (2017). Durante algum tempo encenou a performance *Eu sou uma Carolina*, baseado em seu poema dedicado à Carolina Maria de Jesus. Tula Pilar vive em cada coração de poeta periférico de Sampa, a ela prestamos nossa homenagem!

Vinte e quatro horas de sedução

Alto, descontraído, elegante de se ver.

Sandálias de couro, pés caminhantes, em largas passadas mostrando um jeito simples de ser.

Carapinha de um emaranhado exótico, caindo por ombros largos, em corte chanel e sedutor.

Olhar inexplicável, confiante, sorriso que diz: “vem ficar comigo, a quero só para mim”.

Tomou um copo de suco sem açúcar, beijou-a com boca quente, ansiosa e sedutora.

O beijo foi proibido pelo dono do estabelecimento, que disse: aqui não é cinema, não!

Não entendeu das palavras. Acariciou-lhe a face, segurou-lhe as mãos, sorriu inocente olhando nosso Brasil, tão Brasil... depois de uma festa, foram dormir juntos no quarto alheio.

Era madrugada de outono, lua cheia que os enchia de amor para doar um ao outro.

Se entrelaçaram novamente, agora nus, despiam-se observando cada parte de beleza e sedução, em total entrega, antes proibida...

Além de alto elegante, pele suave e muito escura, embasbacado-a com tanto frescor, permitindo que seu cheiro doce a impreguinasse com sua presença de África.

Sentiu-lhe o falo intumescido vibrar nas cavidades de seu querer... Gozaram juntos, extravasando em um vôo sem asas para além de vossas almas.

Negrafias 02 – literatura e identidade, 2009